

Algo vai podre no reino da União Europeia

14-Jun-2009

Após

uma semana das eleições europeias, ainda se sente nas hostes socialistas, o golpe que lhes foi infligido. Efectivamente, por toda a Europa, os partidos da social-democracia, quer estivessem no governo, como no caso português, quer estivessem na oposição, como em França, foram os grandes derrotados destas eleições.

Artigo

de Margarida
Santos

Após

uma semana das eleições europeias, ainda se sente nas hostes socialistas, o golpe que lhes foi infligido. Efectivamente, por toda a Europa, os partidos da social-democracia, quer estivessem no governo, como no caso português, quer estivessem na oposição, como em França, foram os grandes derrotados destas eleições.

Com

a derrota nas eleições europeias, o Partido Socialista Francês fica muito aquém daquilo que esperava, chegando apenas a 16,48% dos votos em França, e 13,57% na região parisiense. No momento em que parecia, finalmente, reunir à sua volta o grande eleitorado socialista francês, ainda saudoso da bem mais consensual Ségolène Royal, a secretária-geral do PSF Martine Aubry, sofre esta grande derrota, que embora não tenha sido isolada, tem um sabor talvez mais amargo, se pensarmos que o UMP de Sarkozy sai reforçado, apesar da imensa contestação social ao seu governo.

Um

pouco por toda a Europa, há uma subida dos partidos verdes. Mas nenhuma se assemelha à subida da coligação de Daniel Cohn-Bendit, o eterno rebelde, e de José Bové, o grande defensor do mundo rural, sobretudo na região de Paris, chegando aos 20,86%. De facto, esta foi, com toda a certeza, a maior surpresa em França. A Daniel Cohn-Bendit reconhece-se uma verdadeira campanha europeia, marcada, nomeadamente, por um ataque feroz e permanente ao actual presidente da comissão europeia, Durão Barroso. Tal facto, coloca-o, claramente, do outro lado da barricada de Sarkozy, visto como "compagnon de route" de Durão Barroso. A mesma clareza não se pode apontar a Aubry, e, talvez por isso, o voto nos verdes em França, assuma um carácter de maior contestação do que possa parecer. A crescente centralidade da questão ecológica, aliada à visão dum partido socialista confuso e pouco credível, incapaz de se definir de forma clara em relação às políticas do actual governo, e ainda um governo de direita, cuja missão é destruir os serviços públicos franceses, fizeram com que as populações se virassem para aquilo que já bem conhecem e que lhes parece garantido, independentemente de crises políticas ou sociais, como é a defesa do ambiente.

O

grupo dos socialistas descontentes, pois também aqui os há, juntamente com os comunistas, que se juntaram na designada Front de Gauche, conseguem um pouco mais que o PCF sozinho há 5 anos. Com 6,47%, elegem 4 deputados para a Europa. Esta coligação forma-se com o objectivo de concorrer às eleições europeias, e até agora não houve sinais que indicassem uma permanência no cenário político, nomeadamente, no sentido das regionais do próximo ano em

França. Terá sido com base neste argumento que o NPA recusou aliar-se a esta frente, dizendo que um projecto político que pretenda, efectivamente, combater a política de direita de Sarkozy, teria que se fundar em algo mais duradouro, que a campanha para as eleições europeias.

A esquerda radical, a extrema-esquerda, "socialistas, anarquistas, libertários, sindicalistas...", como o próprio Olivier Besancenot designou os possíveis eleitores do Nouveau Parti Anticapitaliste, no congresso de encerramento da campanha para as europeias, ficou perto dos 5%.

Por enquanto, o NPA ainda é sinónimo de Olivier Besancenot, tal como outrora LCR era sinónimo de Alain Krivine. E apesar de Besancenot ser apenas o terceiro cabeça de lista para às eleições europeias, na região de Paris, esta opção não se revelou suficiente para que os restantes candidatos se impusessem. O NPA é um partido de políticos não profissionais, e se por um lado isso advoga em seu favor, pois cada candidato goza daquela aura de emergir directamente do movimento social, por outro, quando chega o momento de apelar ao voto, de fazer o tal discurso apelativo que chegue ao maior número de pessoas possível, estes políticos ficam um pouco aquém do que se pretende. Besancenot tem precisamente a vantagem de ter feito a "escola da política", apesar de muito jovem, e isso é claro nos seus discursos, bem estruturados e cativantes, mas também, de ser um carteiro, que pertence ao sindicato, e que participa nas manifestações e greves. Esta conjugação de factores faz dele um político assertivo e eficaz nas suas defesas, mas por outro lado, alguém descontraído e próximo das populações, características ainda ausentes nos restantes candidatos, e que podem explicar alguma desconfiança em relação ao novo partido.

Uma coisa é certa, até em França, a quem se reconhece o bastião da mobilização social e das vitórias sociais, mesmo por cá, as eleições europeias dizem pouco às populações, tendo havido uma abstenção de perto dos 60%.

Algo vai podre no reino da União Europeia.

Margarida Santos

{easycomments}